



**ESCOLA SUPERIOR MADRE CELESTE**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**MARIA VITÓRIA CARDOSO MOREIRA**  
**SUELLEN CARDOSO DA SILVA**

**AS RELAÇÕES AFETIVAS COM A INCLUSÃO DIGITAL NAS AULAS REMOTAS  
EM MEIO A PANDEMIA DE COVID-19.**

**ANANINDEUA – PA**  
**2021**

**MARIA VITÓRIA CARDOSO MOREIRA**  
**SUELLEN CARDOSO DA SILVA**

**AS RELAÇÕES AFETIVAS COM A INCLUSÃO DIGITAL NAS AULAS REMOTAS  
EM MEIO A PANDEMIA DE COVID-19.**

Trabalho de Conclusão de Curso TCC 2 apresentado  
com requisito total à obtenção do grau de Licenciatura  
em Pedagogia da Escola Superior Madre Celeste -  
ESMAC, sob a orientação do Prof. Ma. Ângela Pena.

**ANANINDEUA – PA**  
**2021**

AS RELAÇÕES AFETIVAS COM A INCLUSÃO DIGITAL NAS AULAS REMOTAS EM MEIO  
A PANDEMIA DE COVID-19.

Trabalho de Conclusão de Curso TCC 2 apresentado com requisito total à  
obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, da Escola Superior Madre  
Celeste – ESMAC, sob a orientação do Prof. Ma. Ângela Pena.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Ângela dos Anjos Pena

---

Prof. Ma. Ângela Pena.  
ESMAC

Membro: Maria Jose De R. Nascimento Silva

---

Membro: Rider Moura Da Silva

Ananindeua, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## **Agradecimento**

Agradecemos primeiramente à Deus, pelo dom da vida.

Em seguida às nossas famílias, por todo o incentivo e apoio nos momentos difíceis da nossa jornada acadêmica.

Aos nossos professores e coordenadora do curso de Pedagogia da Escola Superior Madre Celeste.

E à todos que mesmo indiretamente fizeram parte da nossa história.

## Resumo

O objetivo deste trabalho foi entender como foi a inclusão e a aplicação dos meios tecnológicos dentro do contexto educacional durante o período de afastamento social, causado pela pandemia de COVID-19, onde as aulas passaram a ser a distância, distanciando também o contato entre o professor que é o elo entre o aluno e a escola, e o aluno que é o objeto de aprendizagem a ser trabalhado. Viemos de uma educação tradicional e conteudista, e nossas novas bases e parâmetros começam a modificar as metodologias de ensino, em meio a tantas transformações já conquistadas, está o afeto entre os membros desse processo. Por meio de uma pesquisa realizada através de um questionário online, disparado pelo Google Forms, com 8 questões para 9 professores do ensino básico e superior de uma instituição particular de Ananindeua, tivemos como resultado os relatos das dificuldades enfrentadas não só na introdução das tecnologias, mas também na manutenção da afetividade no desenvolvimento do trabalho pedagógico.

**Palavras-chave:** Pandemia; Coronavírus; Afetividade; Inclusão; Digital.

## **Abstract**

The objective of this work was to understand how was the inclusion and application of technological means within the educational context during the period of social withdrawal, caused by the COVID-19 pandemic, where classes became at a distance, also distancing the contact between the teacher who is the link between the student and the school, and the student who is the learning object to be worked on. We come from a traditional and content education, and our new bases and parameters are beginning to change teaching methodologies, in the midst of so many transformations already achieved, there is the affection among the members of this process. Through a survey conducted through an online questionnaire, triggered by Google Forms, with 8 questions for 9 teachers of basic and higher education from a private institution in Ananindeua, we had as a result the reports of the difficulties faced not only in the introduction of technologies, but also in the maintenance of affection in the development of the pedagogical work.

**Keywords:** Pandemic; Coronaviruses; Affection; Inclusion; Digital

# Sumário

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2. DESENVOLVIMENTO</b>	<b>9</b>
2.1 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA	9
2.1.1 BASES LEGAIS	10
2.2 EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA EM TEMPOS DE PANDEMIA	13
2.3 AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO SEGUNDO ALGUNS TEÓRICOS	17
2.3.1. LEVY VYGOTSKY: A TEORIA SOCIO-INTERACCIONISTA	17
2.3.2. JEAN PIAGET	18
2.3.3. HENRI WALLON	19
2.3.4 MARIA AUGUSTA SANCHES ROSSINI	21
<b>3. A RELAÇÃO AFETIVA NO ENSINO REMOTO NO PERÍODO DA PANDEMIA</b>	<b>22</b>
<b>4. CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA SOBRE A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA SEM A PERDA DA AFETIVIDADE</b>	<b>25</b>
4.1 ABORDAGEM DA PESQUISA	25
4.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	26
4.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	26
4.4 PERFIL DO LÓCUS	26
4.5 ANALISANDO OS DADOS	27
4.5.1 ANÁLISE DAS RESPOSTAS	27
4.5.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS	31
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>37</b>
<b>6. REFERÊNCIAS</b>	<b>39</b>
<b>APENDICES</b>	<b>42</b>
QUESTIONÁRIO	42
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	43

## 1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como objetivo principal investigar como se deu a introdução das novas tecnologias que permitiram a continuidade do processo educacional brasileiro, mantendo o isolamento social, em meio a pandemia de covid-19 enfrentada pelo mundo inteiro, sem perder a afetividade no processo de ensino/aprendizagem. Buscou-se investigar a introdução das Tecnologias da informação e comunicação (TICS), que mantiveram os envolvidos conectados ao aprendizado, analisando as principais barreiras enfrentadas para essa inclusão digital e observar a relação de afeto entre professores e alunos no âmbito educacional dentro das salas remotas, afeto esse que está intimamente ligado ao desenvolvimento psicossocial dos alunos em seus processos educacionais.

Diante da situação pandêmica que o mundo viveu, pudemos analisar as inúmeras adaptações que foram feitas para conseguirmos dar prosseguimento à nossa educação. De uma hora para outra todo o ensino que ocorria de forma presencial, foi interrompido bruscamente para um ensino virtual. Nossos primeiros pontos de pesquisa foram justamente a mudança de formato das aulas, quais as dificuldades encontradas pelas escolas para trabalhar a inclusão digital, qual impacto vivenciado neste novo cotidiano escolar, com o modelo de aprendizagem que a inclusão digital proporciona e como essa mudança pode ocorrer de maneira a ter o mínimo de perdas possíveis? Encarar todo esse processo a distância e manter o relacionamento afetivo entre professores e alunos também é uma das dificuldades desse novo modelo de aprendizagem.

Escolhemos esse tema em busca de uma reflexão sobre as práticas pedagógicas e a introdução do ensino a distância, com o mínimo de impacto negativo na educação, já que ao longo da formação do pedagogo são mostradas (e até enfrentadas durante os estágios) vários desafios que nos fazem refletir a respeito da nossa jornada enquanto docentes, gestores, ou qualquer outra área de atuação pedagógica que possamos seguir ao formar. Porém, há situações em que a graduação não consegue tempo para mostrar como o futuro profissional poderá resolver, ou pelo menos por qual caminho ele terá que percorrer para uma possível solução. Cabe ao discente buscar novos conhecimentos, e ter uma visão ampla dos



acontecimentos para definir como agirá mediante aquele problema. Entretanto, haverá situações que somente a experiência ensinará o melhor caminho para se percorrer.

A educação possui uma história com muitos altos e baixos. Desde a educação com os primatas até as novas atualizações educacionais, percebe-se que a educação permanece em ascensão. A possibilidade de ter um ambiente virtual de aprendizagem é uma forma de dar continuidade ao ensino. Porém, é desta forma que a aprendizagem escolar foi feita, de forma brusca e sem um preparo anterior, devido a situação inesperada da Pandemia. Professores viveram meses (alguns vivem até o presente momento) de angústia, ansiedade e preocupação. A partir dessa observação verificamos com a pesquisa quais os maiores ganhos e perdas do contexto educacional durante esse período pandêmico, e procuramos saber quais atividades foram/são desenvolvidas pelos professores que podem contribuir para competência digital dos alunos.

Outra barreira, que pode ser considerada uma das maiores, enfrentada pelos professores durante esse período, foi o ressignificado da afetividade entre discente e docente. A educação significativa também é feita por vínculos na aprendizagem, pois o aluno aprende melhor a partir do momento que há respeito, diálogo e prazer durante esse ensino. Em todos os lugares temos a afetividade, e isso automaticamente tem uma influência na vida do ser humano. Hoje a escola deve criar um ambiente acolhedor e agradável, onde proporcione ao aluno uma influência positiva. Por fim, partindo desta análise, investigamos se existe um melhor caminho a ser percorrido para alcançar o melhor desenvolvimento educacional sem a perda da afetividade dentro da sala de aula virtual.

Ao que se refere a estrutura da pesquisa, o texto foi dividido em seis capítulos, onde no primeiro buscamos o entendimento histórico do processo de ensino/aprendizagem, até a chegada do modelo que está sendo utilizado como meio de continuação educacional em meio a pandemia. No segundo capítulo buscamos teóricos que descrevessem qual a importância do afeto na relação entre professor e aluno, no desenvolvimento da aprendizagem humana, intitulado como Afetividade na visão dos teóricos. O terceiro capítulo intitulado: A relação afetiva no ensino a distância no período da pandemia, mostra que as tecnologias utilizadas como meio de comunicação educacional, distanciou os professores de seus alunos, mas a busca

pela continuidade das relações afetivas foi uma constante nesse processo. O quarto capítulo refere-se ao procedimento metodológico que aplicamos na busca de resultados para nossas inquietações, os instrumentos utilizados, a pesquisa sobre questionários, ou seja, como se deu o decorrer da nossa pesquisa. E também traz as discussões, análises e resultados que foram obtidos na pesquisa. Por fim, descrevemos as nossas considerações finais, apresentando a discussão final deste trabalho, objetivando todo o processo de adaptação ao modelo remoto de aprendizagem, sem a perda da afetividade nesse processo de escolarização.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA**

A educação em geral possui um histórico bem complexo, e ao estudarmos essa linha do tempo, percebemos que em meios a lutas se foi construído uma história que ainda está sendo escrita, e em processo constante de reconstrução diária. Um desses capítulos trouxe a introdução da tecnologia para a área educacional.

O surgimento da chamada 'informática educativa' surgiu nos anos 70. Em 1971 na I Conferência Nacional de Tecnologia em Educação (I CONTECE), foi discutido pela primeira vez o uso de computadores no ensino de Física no Ensino Superior, voltando os olhares dos cursos superiores para essa visão na área tecnológica. Em 1979 tivemos os primeiros movimentos do governo para a informática educativa com a criação da Secretaria Especial de Informática (SEI), pois ele deu um maior apoio para essas áreas, e assim viabilizando de forma concreta a implantação e uso desses recursos.

O governo então realizou em 1981 o I Seminário Nacional de Informática na Educação que foi um grande marco, pois foi o primeiro local que trouxe a ideia do computador como ferramenta pedagógica para o processo de ensino aprendizagem. A partir daí o governo criou a Política de Informática Educativa (PIE), em 1980. Em 1986, o Ministério da Educação (MEC), criou o Programa de Ação Imediata em Informática, voltada para a educação de 1° e 2° grau, visando inicialmente a capacitação dos professores, e então a implantação de suportes nas Secretarias Estaduais de Educação.

É extremamente importante frisar o trabalho do educador neste processo pois, ele é a peça principal para que essa implementação dê certo. Ainda de acordo com Oliveira (1997), “o professor, embora não seja o único, é o principal direcionador do processo de ensino”. Logo entendemos que para que qualquer metodologia de ensino funcione, precisamos de uma equipe comprometida e com uma base de conhecimento para poder proporcionar a crianças, jovens e adultos um presente e futuro com um conhecimento completo de acordo com a realidade que o mercado de trabalho exige, e o que a sociedade nos solicita entender. Além do docente é importante que ele tenha um apoio e base para que possa ter direito a essa formação profissional citada acima, e que a escola dê esse suporte aos alunos e professores conseguirem utilizar de ferramentas tecnológicas.

A partir de então, estudando a linha do tempo e suas análises, podemos entender que na teoria a implementação da educação tecnológica veio para somar no processo de ensino aprendizagem. Porém, como toda e qualquer novidade, sua inclusão neste âmbito educacional veio com várias dificuldades e resistências. Segundo Oliveira (1997), a entrada da tecnologia não apenas no setor escolar, mas em vários outros veio ligado com a ideia de formação de mão de obra por conta das mudanças e avanços econômicos. Para o autor esse fato causou uma rejeição de muitos educadores, devido a um “sentimento de descrédito no uso destes aparelhos”. Este sentimento só poderá ser superado quando todos conhecerem e redirecionar a compreensão da importância deste uso.

### 2.1.1 BASES LEGAIS

Após entender um pouco a respeito do histórico da educação na introdução da tecnologia no setor escolar. A partir de agora vamos entender quais as bases que atualmente fundamentam nosso sistema educacional.

- Constituição Federal

Começamos essa jornada através da nossa Constituição Federal de 1988. Não há um artigo próprio que fale a respeito da inclusão tecnológica na educação básica

ou superior. Porém, nesse contexto temos o Artigo 206 da Constituição Federal diz que:

O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;  
II - Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

III - Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

IV - Gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

VI - Gestão democrática do ensino público, na forma da lei;

VII - Garantia de padrão de qualidade.

(Constituição Federal, capítulo 3, seção I; artigo 206)

Nessa perspectiva, as instituições de ensino devem propor aos alunos uma educação completa, dando a oportunidade para os alunos conhecerem os instrumentos utilizados como forma didática em sua sala de aula. Oportunizar ao aluno essa pluralidade de ensino, onde ele possa conhecer todas as vertentes de recursos e aparelhos tecno-pedagógicos é uma forma de garantia de um padrão de qualidade que o artigo cita acima.

- Leis de Diretrizes e Bases

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Básica se afirma em 1996, e vem para dar um norte para a educação utilizando a Constituição Federal como base. A LDB traz as ideias da Educação Infantil ao Ensino Superior, porém aqui focaremos nos ensinos fundamental e médio.

Na Seção III, do Ensino Fundamental, temos o artigo 32, que traz a obrigatoriedade as instituições de ensino darem a formação básica do cidadão envolvendo o sistema tecnológico, para que o ser tenha uma educação completa.

### Seção III Do Ensino Fundamental

Art. 32. O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: [...]

II – A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; (LDB, capítulo 32, seção III; artigo 32)

A frente temos a Seção IV, referente ao Ensino médio, que complementa o que foi colocado acima, e reforça as ideias de que a formação geral deve conter a ciências tecnológica através do currículo.

Seção IV  
Do Ensino Médio

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

I – A consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

[...]

IV – A compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

[...]

Art. 36. O currículo do ensino médio observará o disposto na Seção I deste Capítulo e as seguintes diretrizes:

I – Destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania; (LDB, capítulo 35, seção IV; artigo 35)

A LDB foi denominada “Organização da Educação Nacional”. Foi um grande marco para as garantias educacionais que, apesar dos educadores terem ciência que deveriam ofertar, não havia algo legal que pautassem as escolas e família de cobrar essa educação completa. A criação da LDB não significou um único currículo ou Planejamento a ser seguido. Era e ainda é necessário respeitar o contexto de cada região e escola. Porém, ainda faltavam laços educacionais que pudesse reafirmar aos alunos uma educação significativa e de qualidade. E assim tivemos o resgate da ideia de Um Plano Nacional para a Educação

- Plano Nacional de Educação

A ideia de um plano nacional que pudesse basear as chamadas grades curricular já se era pensada anos antes, porém só em 2001 entra em vigor um plano que veio para levar para dentro das escolas quais os verdadeiros direitos e deveres da escola e do corpo discente.

O plano é dividido com Metas. Essas metas devem agir como um ponto de partida e chegada para as instituições escolares, tanto pública como privada. A área tecnológica mais uma vez não possui um espaço próprio, com orientações

específicas, porém recebe grandes citações que dão a importância devida a essa área.

Na meta 6 temos a orientação referente ao espaço escolar, tendo que haver um espaço para laboratórios em geral, incluindo os de informática.

6.3) institucionalizar e manter, em regime de colaboração, programa nacional de ampliação e reestruturação das escolas públicas, por meio da instalação de quadras poliesportivas, laboratórios, inclusive de informática, espaços para atividades culturais, bibliotecas, auditórios, cozinhas, refeitórios, banheiros e outros equipamentos, bem como da produção de material didático e da formação de recursos humanos para a educação em tempo integral; (PNE, meta 6.3)

Já a meta 11 traz a ideia da necessidade de estimular o oferecimento da educação a distância, dando garantias de ‘qualificações próprias’ ao futuro profissional do aluno.

11.3) fomentar a expansão da oferta de educação profissional técnica de nível médio na modalidade de educação a distância, com a finalidade de ampliar a oferta e democratizar o acesso à educação profissional pública e gratuita, assegurado padrão de qualidade;

11.4) estimular a expansão do estágio na educação profissional técnica de nível médio e do ensino médio regular, preservando-se seu caráter pedagógico integrado ao itinerário formativo do aluno, visando à formação de qualificações próprias da atividade profissional, à contextualização curricular e ao desenvolvimento da juventude; (PNE, meta 11.3-4)

Após toda a análise histórica e legal, fica clara a necessidade da inclusão tecnológica na educação básica, e sua importância como recurso tecno-pedagógico de grande importância para a educação.

## 2.2 EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Em nossa linha do tempo educacional do período da pandemia do COVID-19, tivemos a paralisação das aulas nas escolas estaduais, no estado do Pará, no dia 17 de março de 2020. As escolas particulares aderiram também ao decreto e

suspenderam suas aulas. O grande choque dessa parada brusca nas redes de ensino foi o primeiro registro, de muitos, do período dificultoso vivido pelos professores, gestores, alunos e famílias.

Ainda em nossa linha do tempo, o Ministério da Educação (MEC) publicou, no dia 17 de março de 2020, uma portaria onde substitui o ensino presencial por aulas que utilizassem aulas remotas no o ensino superior.

O MINISTRO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 87, parágrafo único, incisos I e II, da Constituição, e considerando o art. 9º, incisos II e VII, da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017, resolve: Art. 1º Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor... (DIÁRIO NACIONAL DA UNIÃO. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020)

No dia 01 de abril de 2020, o Governo Federal publica no diário oficial as normas para o ano letivo da educação básica e superior, com as medidas de enfrentamento do surto de COVID-19. Percebendo que o que estava acontecendo e prevendo parcialmente o que estava por vir, se viu necessário reorganizar nossa carga horária escolar.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 62 da Constituição, adota a seguinte Medida Provisória, com força de lei: Art. 1º O estabelecimento de ensino de educação básica fica dispensado, em caráter excepcional, da obrigatoriedade de observância ao mínimo de dias de efetivo trabalho escolar, nos termos do disposto no inciso I do caput e no § 1º do art. 24 e no inciso II do caput do art. 31 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, desde que cumprida a carga horária mínima anual estabelecida nos referidos dispositivos, observadas as normas a serem editadas pelos respectivos sistemas de ensino. (DIÁRIO NACIONAL DA UNIÃO. Medida Provisória Nº 934, de 1º de abril de 2020)

É importante ressaltar que houveram discordâncias entre governos estaduais e federal, o que gerou mais um sentimento de caos. CORDEIRO e COSTA (2020) descrevem este período como um “momento de descompasso entre ações e discurso” entre ambos. Isso definitivamente causou um sentimento de insegurança. O país estava em colapso em todos os sentidos, seja ele sanitário, educacional ou governamental.

A partir de então começa uma saga que não está sendo considerada fácil, mas que trouxe muitos aprendizados e acabou sendo o início de um novo capítulo da nossa história educacional. Hoje sabemos e entendemos que não conseguiremos retomar de onde paramos. Mas, após uma reflexão profunda, os docentes estão retirando o que houve de aprendizado e avanço para seguir seu trajeto educacional.

Ainda de acordo com CORDEIRO e COSTA (2020) não há como discutirmos esse período sem destacar a grave realidade social existente em nosso país, que acabou sendo escancarada com todas essas dificuldades. Para COSTA e NASCIMENTO (2020) “Na educação, a perda da interação presencial e direta entre alunos e professores ressignificou a consciência social tão importante em meio escolar.” Ensino remoto ou a distância, como queiram chamar, não foi uma realidade para todos.

No primeiro momento da pandemia, as discussões estavam voltadas para reconhecer o que e como fazer, exacerbando ainda mais os temas da exclusão digital e da desigualdade. O assunto tem gerado debates que podem ser acompanhados no meio virtual, por exemplo nas *lives*. Mas a relação do usuário com a tecnologia não se limita ao acesso, há o contexto que abrange o econômico, o social e o cultural dos sujeitos (CORDEIRO; COSTA. 2020, p 90)

Em registros particulares vivenciamos alunos que não podiam assistir a aula porque não tinham um aparelho para assistir a aula e acompanhar os objetos do conhecimento ministrados; outros não conseguiam assistir, devido à falta de estímulo e vontade de ficar frente à um aparelho; tivemos também alunos que não tinham acompanhamento nenhum, e não conseguiam tirar suas dúvidas, o que acabava tornando aquele momento de aula um pesadelo para o mesmo. Entre muito outros exemplos.

Assim analisamos que a aula remota teve vários entraves para ocorrerem. Podemos citar o que foi dito anteriormente, a grande dificuldade de acesso da parte dos estudantes, por questões financeiras ou não. A falta de conhecimento digital de uma grande parte dos docentes que atuam em nossas escolas. A falta de recurso por parte dos discentes e docentes. A perda do estímulo, por conta da falta do contato. A perda da autonomia escolar do aluno. E várias outras que iremos no decorrer do artigo.



É necessário frisar também a desafiadora experiência dos docentes, que se viram em uma situação completamente nova e sem antecedentes. A reinvenção didática foi uma necessidade, o professor precisou mudar sua metodologia de ensino, e acrescentar o computador e as ferramentas digitais em suas aulas. OLIVEIRA (1997) traz uma análise muito necessária que se encaixa em nossa realidade, com relação a essa figura do professor e sua forma didática.

Ao se analisar a prática pedagógica do professor, devem ser levados em conta os valores que ele traz consigo, não perdendo de vista as condições determinantes de sua existência e, principalmente, a concepção político pedagógica que norteou seu processo de formação. (OLIVEIRA, 1997. p. 85)

É incrivelmente difícil imaginar uma aula em que você não tem contato direto com o aluno da educação básica, pois em nossa formação, não somos/fomos preparados para isso. Para um professor ter que elaborar uma aula que seja interativa, alcançando todos os objetivos daquele conteúdo, utilizando ferramentas que antes não faziam parte do seu dia-a-dia foi/é uma tarefa extremamente difícil. Sabemos que alcançar uma turma com 30, 40 ou mais alunos é complexo, e é necessários um olhar e uma comunicação muito particulares para cada realidade. FREIRE, em 1996, trouxe uma afirmação necessária, que se encaixa bastante nesse contexto.

Ninguém pode conhecer por mim assim como não posso conhecer pelo aluno. O que posso e o que devo fazer é, na perspectiva progressista em que me acho, ao ensinar-lhe certo conteúdo, desafiá-lo a que se vá percebendo na e pela própria prática, sujeito capaz de saber. Meu papel de professor progressista não é apenas o de ensinar matemática ou biologia mas sim, tratando a temática que é, de um lado objeto de meu ensino, de outro, da aprendizagem do aluno, ajudá-lo a reconhecer-se como arquiteto de sua própria prática cognoscitiva (FREIRE. 1996, p. 121)

Como conseguir conhecer alunos sem conseguir enxergá-los? Como conhecer a realidade de cada um em 50 minutos de aula? CORDEIRO e COSTA (2020) refletem a respeito:

Há que se considerar a mediação pedagógica com o uso de mídias, contudo não podemos acreditar que esta substitua a educação presencial. O processo educacional não acontece apenas pelo conteúdo, pelas tecnologias, mas por meio da mediação humana com todas as suas “incompletudes” (para usar aqui um termo freireano). (CORDEIRO e COSTA. 2020, p. 93)

Até o presente momento estamos vivendo momentos de crises e preocupações. Ainda iremos vivenciar os resultados desses 2 anos de ensino que se alternaram entre presencial e remoto. A falta do contato presencial, da afetividade, da realidade do estudo (da parte do aluno) ainda irão mostrar seu prejuízo para os docentes, que precisarão arranjar novas estratégias para os déficits acarretados por esses anos de 2020 e 2021.

## 2.3 AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO SEGUNDO ALGUNS TEÓRICOS

Este tópico aprofundar-se-á na afetividade para voltarmos nossa pesquisa ao problema da educação no cenário pandêmico. Como já dito anteriormente, somos sabedores que no âmbito educacional a relação professor e alunos deve ser boa e afetuosa. Segundo os teóricos que serão listados abaixo, é inegável que as relações afetivas estejam interligadas ao desenvolvimento humano, sendo eles social e cognitivo.

### 2.3.1. LEVY VYGOTSKY: A TEORIA SOCIO-INTERACCIONISTA

Quando LA TAILLE (1992) discorreu sobre Vygotsky e a elaboração da Zona de desenvolvimento proximal (ZPD), entendemos que as interações sociais fazem com que as crianças construam suas estruturas psicológicas, ou seja, ela pode se desenvolver em dois níveis; o nível de desenvolvimento real, onde ela consegue solucionar problemas sozinhas baseadas em suas vivências e experiências, e no nível de desenvolvimento potencial, que é aquela aprendizagem que ela terá ajuda de parceiros mais experientes, ambos os níveis são de suma importância para o desenvolvimento cognitivo desse indivíduo, ressaltando que esse termo não era utilizado por ele, e sim o termo “função mental”.

Para incidir na Zona de Desenvolvimento proximal ou iminente, é preciso que o professor redefina sua prática e parta daquilo que o aluno já sabe, promovendo atividades mediadoras na relação entre os alunos e o objeto a ser conhecido, relativas a conhecimentos que o aluno ainda não tem, mas com a ajuda do docente vai se apropriando. Para isso é preciso que se estabeleça, entre o professor e aluno, uma relação afetiva e diálogo, criando situações em que os alunos expressem aquilo que sabem sobre o mundo que os cerca (OST; SZYMANSKY, 2016, p.6)

Para esse estudioso nascido em 1896, era importante levar em consideração o contexto a qual essa criança está inserida, então vale ressaltar que as crianças estudadas hoje, não são as mesmas do período de suas publicações, o contexto histórico é diferenciado, hoje as crianças são extremamente conectadas às novas tecnologias, mas as trocas que esse indivíduo pode ter com crianças mais experientes e com os adultos que se tornam mediadores dessas trocas enriquecem esse desenvolvimento no âmbito educacional, onde o professor quando recebe um aluno, já recebe com ele um conhecimento primitivo, das relações sociais que ele desenvolve e do contexto histórico/cultural ao qual está inserido.

LA TAILLE (1992) ainda fala sobre Vygotsky, que a inteligência e a afetividade são indissociáveis no processo de ensino/aprendizagem. Ele ainda destaca a importância das funções psicológicas no processo de humanização, de forma que cada indivíduo interage com seu meio social e tem o poder de transformá-la. Ele via a escola como um ponto diferente, capaz de dialogar, de discutir e compartilhar o saber, onde o professor é responsável por ser o mediador entre o saber e o aluno, sendo capaz através do conhecimento da realidade do aluno atuar nos níveis de desenvolvimento real e proximal, pois conhecendo a base afetiva do ser humano, ou seja, as razões que impulsionam seus pensamentos, o desenvolvimento do pensamento acontece do social para o indivíduo.

### 2.3.2. JEAN PIAGET

Jean Piaget, era um psicólogo e geólogo, que faleceu em 1980, sua principal pesquisa foi em busca de entender em como as crianças aprendem e constroem seu raciocínio lógico. Apesar de já existirem algumas teorias de outros estudiosos naquela época, ele sentiu necessidade de fazer um estudo mais aprofundado acerca do tema.

Uma de suas teorias desenvolvidas, a teoria da equilibração, onde o cérebro do ser humano é dividido por compartimentos, estruturas isquêmicas, e seu funcionamento é um tanto mais complexo, para exemplificar, ele utilizou o conhecimento prévio do cachorro com quatro patas, e que quando se depara com um cavalo pela primeira vez ele **desequilibra** aquele conhecimento para só então

reconhecer o outro animal como diferente, **acomodando** aquela informação que criei, ampliei ou transformei, e assim a criança volta para o estágio de equilíbrio .

Para o estudioso o indivíduo tem cada fase da vida aprendemos alguma coisa, para ele as fases do aprendizado vão até a adolescência, esses estágios são:

0- 2 anos- Estágio sensório motor, onde a predominância é o reflexo e a criança tem respostas biológicas automáticas, que garantem sua existência, com o passar do tempo a criança aprende que certos comportamentos tem certas consequências, assim ele compreende a relação de causa e efeito.

3- 7 anos - Estágio pré-operacional, aqui a linguagem se desenvolve, transformando a comunicação com trocas de informações, o egocentrismo também é uma característica desse estágio, por isso Piaget considerava que a interação social era realmente importante para o desenvolvimento cognitivo, pois através dela a criança conhecia opiniões diferentes das suas.

7- 11 anos- Estágio operatório concreto, o pensamento começa a criar formas de operações lógicas, a percepção operacional concreta, ou seja, com objetos se desenvolve mais nesse estágio.

Dos 12 anos em diante- Estágio lógico formal, esse estágio segue por toda a vida do indivíduo. conceitos abstratos são mais facilmente desenvolvidos nesse estágio.

Apesar do tema afetividade não ser uma constante associada ao estudo de Jean Piaget, não significa que ele não considere o afeto como fator importante para o desenvolvimento psicológico, a exemplo disso, Piaget considerava que a criança desenvolve o sentimento moral a partir dos sete anos.

### 2.3.3. HENRI WALLON

Henri Wallon, francês que faleceu em 1962 se dedicou a estudar o desenvolvimento infantil para compreender a origem dos processos psicológicos humanos, estudou o desenvolvimento de forma integral tanto cognitivo, quanto afetivo e motor apesar de que para Wallon o indivíduo se desenvolve nos três âmbitos nosso estudo terá foco no âmbito afetivo.

LA TAILLE (1992), discorre que para Wallon, a inteligência se desenvolve após afetividade, surgindo de dentro para fora estabelecendo uma relação de conflito, então partimos da premissa de que aprendemos mais rapidamente coisas de que mais gostamos, vale ressaltar que, quando falamos sobre afetividade não estamos destacando o amor ou o carinho e sim sobre coisas que nos afetam tanto internamente quanto externamente. A criança tem seu tempo para construir sua identidade, sem definir idades exatas para cada construção ele dividiu esse tempo em estágios de desenvolvimento, que são eles:

- Estágio impulsivo emocional: quando nascemos fazemos movimentos impulsivos, desorganizados, sem sentido, a partir do momento em que começamos a realizar alguns movimentos com algum sentido, vamos aprendendo a nos comunicar.
- Estágio sensorio motor e projetivo: esse estágio se desenvolve na relação entre a criança e o ambiente que ela está inserida, como ela brinca, como se relaciona, deixando essas características se tornam de extrema importância para o desenvolvimento, destacando a inteligência prática e a linguagem.
- Estágio do personalismo; A personalidade da criança começa a ser desenvolvida, com as novas formas de inteligência que ela começa a expressar, o que ela deseja fazer ou não.
- Estágio categorial: A memória começa a ser utilizada de forma mais amplificada, sem selecionar algumas lembranças.
- Estágio da adolescência: é a passagem da infância para a vida adulta, uma fase de auto afirmação.

Conseguimos visualizar Henri Wallon, nos novos parâmetros educacionais, quando a BNCC trabalha em seus campos de experiências, o desenvolvimento do eu, do outro e de nós, vislumbramos as teorias desse estudioso.

O papel do professor nesse processo de ensino/aprendizagem dentro da concepção afetiva é o de criador de vínculos, entre ele e o aluno, entre o aluno e o grupo, que permite o desenvolvimento livre, mas com intencionalidade educativa.

### 2.3.4 MARIA AUGUSTA SANCHES ROSSINI

Para ROSSINI (2001) “é preciso alinhar a educação da criança ao que mais diretamente afeta seu desenvolvimento global”, sendo assim não podemos esquecer que a educação, seja ela por meios tecnológicos ou presenciais é um instrumento de desenvolvimento humano.

Ainda segundo ROSSINI (2001, p. 17) a pedagogia afetiva está alicerçada em 3 pilares: Os limites, os mitos cotidianos e os ritmos. Neles observamos que uma criança feliz aprende e faz.

- Dos limites

Somos uma geração descendente dos anos 70, onde o lema era “proibido, proibir” e toda essa permissividade nos garantiu uma sociedade incapaz de lidar com as perdas e frustrações. O não, não dito no tempo correto, transforma futuros cidadãos em pessoas incapazes de gerir suas próprias vidas, portanto quanto mais cedo a criança aprender os limites, melhor será seu desenvolvimento. Limite é sinônimo de amor, e alguém tem que assumir essa responsabilidade, sem culpa ou dor na consciência, mostrando a nossas crianças que devem se adaptarem a cumprir regras, sem exageros, transformando não em justificativas e associando palavras com ações.

- Dos Mitos Cotidianos

Não estamos discutindo aqui, grandes mitos da humanidade, e sim mitos do cotidiano das crianças, tais como: **Família**, hoje os modelos familiares são muito diversificados, diferentemente das famílias mais antigas, onde os pais saíam para suprir as necessidades financeiras e as mães eram incumbidas de cuidar do lar e dos filhos, hoje temos uma estrutura familiar que não garante a nossas crianças o amor seguro. **Professor**, com a inversão de alguns papéis o educador agora tem responsabilidades que antes eram da família, em busca de uma liderança conquistada, deve ter qualidades humanas imprescindíveis. **Os avós**, aqueles seres que contam histórias, que desvendam o passado, que nos revelam nossas origens. **O namoro**, que nos dias atuais se transformou no ficar, que nada mais é que o medo de uma relação afetiva, e que foi substituída pela relação sexual, onde os meios de comunicação erotizam nossas crianças.

- Dos ritmos

Tudo no nosso dia-a-dia possui um ritmo cíclico, as horas, as semanas, os meses, tudo tem um compasso, há uma diferença na duração do ciclo em cada espécie, mas há também diferenças nos ciclos da mesma espécie; um exemplo seria o ciclo educacional de cada indivíduo:

O conhecimento, por exemplo, acontece de forma espiralada: para aprender uma multiplicação a criança teve “na base” a adição, que teve “na base” a brincadeira de agrupar tampinhas e palitos... Um ciclo encerra e outro começa, num eterno movimento de morte e vida: quando a criança perde os dentes permanentes ou definitivos - os primeiros "morrem" e os outros "nascem. (ROSSINI, 2011, pág. 62)

É necessário que o amor (afeto) esteja presente no âmbito educacional. Ame e dedique-se incondicionalmente aos seus filhos e alunos. Apenas quem ama de verdade irá se debruçar ao trabalho de educar dentro das paredes dos limites necessários para assim o fazer transformando esse cidadão em um ser equilibrado, eficaz, feliz e decidido.

### **3. A RELAÇÃO AFETIVA NO ENSINO REMOTO NO PERÍODO DA PANDEMIA**

Vivemos em um mundo onde as transformações são contínuas e a busca pelo conhecimento tem que acompanhar a mesma velocidade a qual as mudanças sociais vão acontecendo. Percebemos essas transformações sociais desde quando os nômades deixam de ser caçadores e passam ser agrícolas, em seguida a humanidade vive a revolução industrial e então a inserção tecnológica, que nos dias atuais avança em várias áreas do conhecimento humano, e nesse estudo daremos ênfase a biotecnologia, onde a ciência voltasse para atender as necessidades humanas e uma dessas necessidades é a educação.

Para dar início a essa pesquisa, o diálogo com alguns pedagogos atuantes nesse período de pandemia, nos deixou surpresas com a dificuldade de manter a afetividade no processo de ensino não presencial, essa metodologia já era conhecida no ensino superior, porém na educação fundamental tornou-se uma novidade impactante para esses profissionais bem como para seus alunos, tomamos como base teórica da afetividade o estudioso Henry Wallon, que destaca em seus estudos

a importância do relacionamento entre educador e aluno. Segundo esse teórico, a aprendizagem só será efetiva com a soma do conjunto afetividade, cognitivo e psicomotricidade.

Por outro lado, os educadores atuantes nesse período tiveram anos de preparo nas licenciaturas, mas nem um sentiu-se verdadeiramente preparado para enfrentar o cenário atual, preparar o ambiente ideal, a melhor iluminação, o áudio perfeito, quantos equipamentos vou precisar, como fazer para manter o foco dos alunos na tela? Esses e outros questionamentos permeiam o atual cotidiano docente. Onde os aspectos do conhecimento apenas, já não eram suficientes, desconstruir a ideia de escola conteudista já era difícil dentro das salas de aula presencialmente, agora virtualmente, como fazer para que esses conteúdos se transformem em atitudes?

Ainda que essa modalidade de ensino [educação online] seja vista por muitos como uma ameaça aos afetos por conta do uso da máquina (...) Precisamos nos apropriar da tecnologia da informação como mediadora da Educação, significada a partir dos usos humanos (BAPTISTA e MARTINS, 2018, p. 03).

Para KARNAL (2021), em uma entrevista, que teve por tema: “Como educar em tempos de pandemia?”, ficou o questionamento: Será que esse ano que mais sofremos perdas emocionais se tornou o ano mais produtivo para a educação? Onde os profissionais da educação tiveram que forçadamente se reconstruir enquanto profissionais, inovar suas metodologias, buscar se transformar e se qualificar. Para ele “O futuro depende do professor e do aluno entender que a aula não pode ser uma ação de transmissão e recepção de conhecimentos e sim, um diálogo de trocas.” Trocas essas que estão intimamente ligadas na interação, nas relações afetivas.

A ideia de interação social e de mediação é ponto central do processo educativo. Pois para o autor, esses dois elementos estão intimamente relacionados ao processo de constituição e desenvolvimento dos sujeitos. A atuação do professor é de suma importância já que ele exerce o papel de mediador da aprendizagem do aluno. (VYGOTSKY apud LOPES, 2009, p.5)

Mas não podemos deixar de mensurar a importância que as ferramentas digitais agregaram a esse momento pandêmico no processo pedagógico, elas permitiram a comunicação entre as partes envolvidas, como meio de ressignificar o contato aluno/professor, mas cabe ressaltar, que sem a relação afetiva entre os meios,



esse contato tecnológico, não passará de um contato robótico e artificial, o que impactará diretamente no processo de aprendizagem dos alunos.

Já no início da pesquisa, percebemos a enorme dificuldade de comunicação entre professores/alunos e professores/pais, agora os docentes já não recebem os alunos em uma sala de aula, ambiente preparado para o desenvolvimento do trabalho, agora eles estão dentro das casas de cada criança, através das telinhas de celulares e computadores, vivenciado uma pequena parte do dia-a-dia dessa criança, que por muitas vezes não encontra na sua família suporte necessário para acompanhar a aula remota ministrada, com agravante de alguns não terem sequer o equipamento necessário para tal atividade, no entanto, os profissionais tiveram que reinventar suas metodologias, para alcançar o afeto daqueles que o assistiam. As escolhas das atividades agora tiveram que ser elaboradas de forma a prender a atenção do aluno, os vídeos indutivos de conteúdo têm que ser escolhidos de maneira que chame a atenção de acordo com as faixas etárias, ou as próprias produções de vídeos tiveram que passar ao aluno uma aproximação imaginária entre os professores e alunos.

Há necessidade de um profissional de educação mais preparado para atender essa nova demanda, pois a realidade da educação a distância do ensino superior agora também é uma realidade palpável para todos os outros níveis de ensino, então já sabendo que as licenciaturas não disponibilizam essas metodologias, a busca por novos conhecimentos tecnológicos tem que ser uma constante, pois dominando a manipulação desses equipamentos, a preocupação passa a ser a de desenvolver tecnologias que alcancem o aprendizado integral do aluno.

#### **4. CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA SOBRE A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA SEM A PERDA DA AFETIVIDADE**

Encarar a pandemia do novo Coronavírus trouxe para a educação brasileira realidades angustiantes a serem enfrentadas. A escola, apesar de seus esforços para manter a educação significativa para o aluno, não pôde ter um êxito completo devido as condições externas que saem do seu controle, como por exemplo as aulas remotas.

A inclusão digital para alguns é uma realidade um tanto distante devido a inúmeros fatores, tais como: a dificuldade de acesso à internet, aparelhos eletrônicos que alcancem as necessidades educacionais, falta de suporte da escola e do governo, falha na comunicação entre educador e educando, mas também não podemos deixar de citar a quebra da afetividade construída ao longo do ano no ensino presencial.

No presente momento, ainda não temos muitos estudos que reflitam sobre esse tema. Por isso, essa pesquisa tem por objetivo analisar o processo de ensino/aprendizado efetivado durante o período pandêmico, e relacionar a afetividade entre professor e aluno diante das novas tecnologias que foram aplicadas.

Para WAINER (2007, p.5) uma pesquisa “baseia-se na observação cuidadosa onde o sistema está sendo usado ou onde será usado, do entendimento de várias perspectivas dos usuários ou potenciais usuários do sistema...”. Sendo assim, buscamos, por meio de uma pesquisa bibliográfica e de campo, respostas sobre essa análise feita acima. A seguir, traremos uma análise dos resultados de uma coleta realizada de modo online, devido a Pandemia, onde foi aplicado entrevistas com profissionais atuantes. Foram distribuídos 20 formulários, obtendo 9 devoluções. A técnica de pesquisa utilizada foi a coleta de dados pelo Google Forms, com perguntas objetivas e subjetivas.

##### **4.1 ABORDAGEM DA PESQUISA**

Como dito anteriormente, este estudo está sendo baseado em uma pesquisa de campo online. Para este tema, que é tão atual e reflexivo, não temos como fazer somente uma pesquisa bibliográfica. É de suma importância procurar registros daqueles que se tornam sujeitos desse tema.

A pesquisa objetivou-se para levantar dados sobre o processo educacional em meio a Pandemia do COVID-19, entrelaçando a introdução tecnológica na manutenção da afetividade e da aprendizagem. Para BORBA (2019 p. 75) em

“pesquisas qualitativas, a teoria emerge da prática”, isto é, através da pesquisa em campo, podemos reafirmar aquilo que a teoria nos mostra.

Portanto, através da realidade de profissionais da área da educação, procuramos saber um pouco dessa realidade educacional e pessoal vivida por cada um durante o período dessa crise sanitária, sem precedentes no mundo inteiro, pois segundo MARCONI (2005, p.125), “baseia-se na observação dos fatos tal como ocorrem na realidade”.

#### 4.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Durante o mês de outubro elaboramos um questionário com 7 perguntas no total, que tinham como tema: A inclusão digital; o apoio da escola durante esse período; e a relação de afetividade e aprendizado.

Através da ferramenta do Whatsapp encaminhamos 20 questionários para professores dos diferentes níveis de ensino, sendo eles Educação Infantil, Ensino Fundamental – Anos Iniciais e Finais, Ensino Médio e Ensino Superior, e da Educação Inclusiva. Dos 20 formulários enviados para professores de ambos os níveis, recebemos 9 respostas. Por motivos de preservação da imagem dos mesmos, não coletamos nomes, ou idades. As perguntas foram mistas, sendo 5 perguntas objetivas e 2 subjetivas.

#### 4.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

A análise foi realizada a partir da coleta de respostas com o enfoque da educação em tempos de pandemia. As perguntas foram elaboradas depois de uma análise bibliográfica sobre o período da pandemia e a correlação da introdução digital na educação, enfatizando as relações afetivas durante essa jornada.

#### 4.4 PERFIL DO LÓCUS

A escola escolhida para o envio do questionário está localizada na cidade de Ananindeua – Pará. O Grupo de Ensino Madre Celeste é uma rede educacional privada, que atende alunos da educação básica e ensino superior. Existente há 39 anos, é uma escola de tradição na cidade. Até o presente momento, conta com 59 professores trabalhando na educação básica, e 96 professores no ensino superior.

## 4.5 ANALISANDO OS DADOS

### 4.5.1 ANÁLISE DAS RESPOSTAS

Inicialmente é importante ressaltar que a pesquisa foi voltada inteiramente para os docentes, pois sabemos a reinvenção e ressignificações que existiram principalmente através dos professores, para que o trabalho iniciado em 2020 pudesse continuar. Para COSTA e NASCIMENTO (2020) “Os educadores tiveram que se reinventar para conseguir dar aula à distância através do ensino remoto e os alunos a vivenciarem novas formas de aprender, sem o contato presencial e caloroso da figura do professor”. Isto é, houveram adaptações de ambos os lados, porém sabemos que para que haja educação, precisamos de um educador que possa mediar esse ensino.

Nas primeiras 3 perguntas, falamos sobre o período antes da pandemia. O restante, as outras 4, já foi voltado para o período pandêmico.

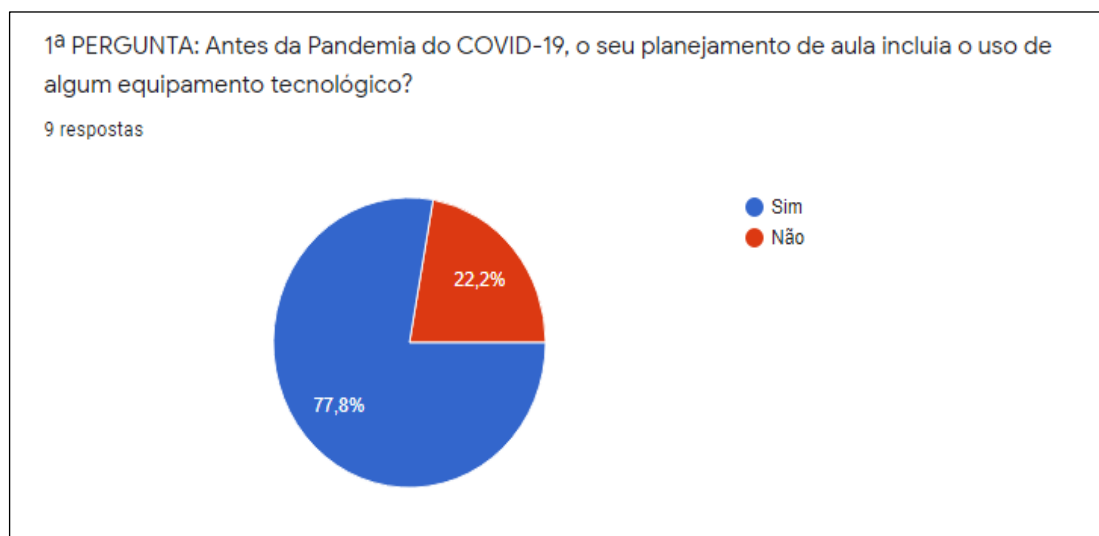


FIGURA 1: Coleta de dados

Na primeira pergunta, questionamos se antes da Pandemia do COVID-19, o planejamento de aula incluía o uso de algum equipamento tecnológico. Dos 9 professores, 7 (77,8%) responderam que sim, e 2 (22,2%) que não.



FIGURA 2: Coleta de dados

Na segunda pergunta, já voltada ao local em que o professor trabalha, perguntamos se “A escola em que ele atua oferece algum suporte ou treinamento técnico para o desenvolvimento das suas aulas na plataforma?”. Os 9 (100%) responderam que sim! Há o apoio e suporte da instituição para as aulas virtuais.

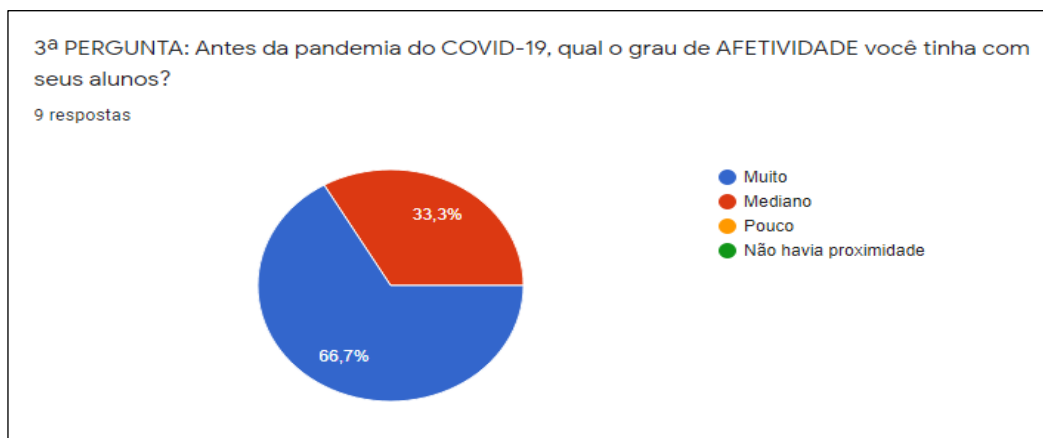


FIGURA 3: Coleta de dados

Na terceira pergunta, quisemos saber sobre “o grau de AFETIVIDADE o docente tinha com seus alunos?”. A partir dessa pergunta tínhamos 3 opções de respostas: “Muito; Mediano; Pouco; Não havia proximidade”. Dos 9 participantes, 6 (66,7%) responderam ‘muito’ e 3 (33,3%) professores responderam que era ‘mediano’.

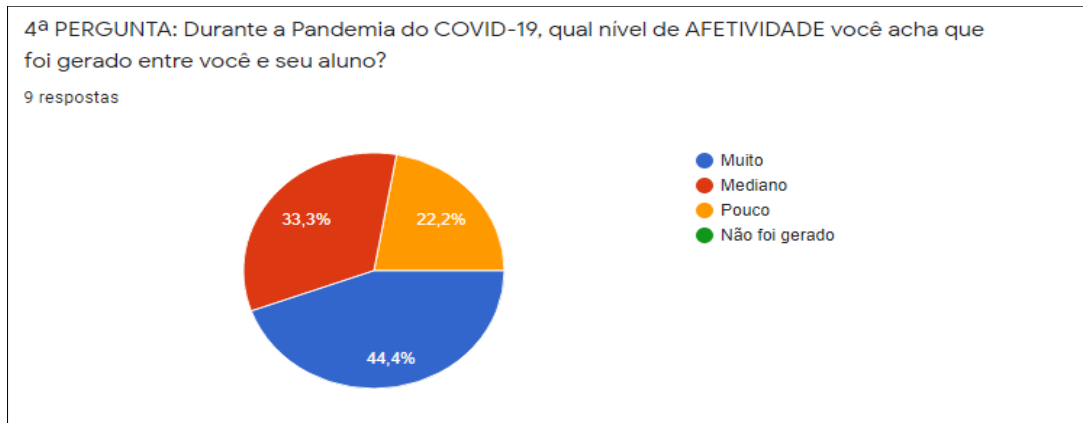


FIGURA 4: Coleta de dados

Nesta quarta pergunta, questionamos sobre o “Nível de afetividade gerado na relação professor e aluno durante a PANDEMIA”. Das 4 opções de respostas, 4 professores (44,4%) responderam que houve um “muita” afetividade nesse processo durante o ano. É importante frisar que dessas 4, 3 são docentes do Ensino Fundamental Anos Iniciais, e 1 é da Educação Infantil. Já outros 3 (33,3%) responderam ‘mediano’, esses são docentes que ministram aula no Ensino Fundamental Anos Finais. E o restante que foram 2 (22,2%), responderam ‘pouco’. Esses ministram aula no ensino médio e superior.

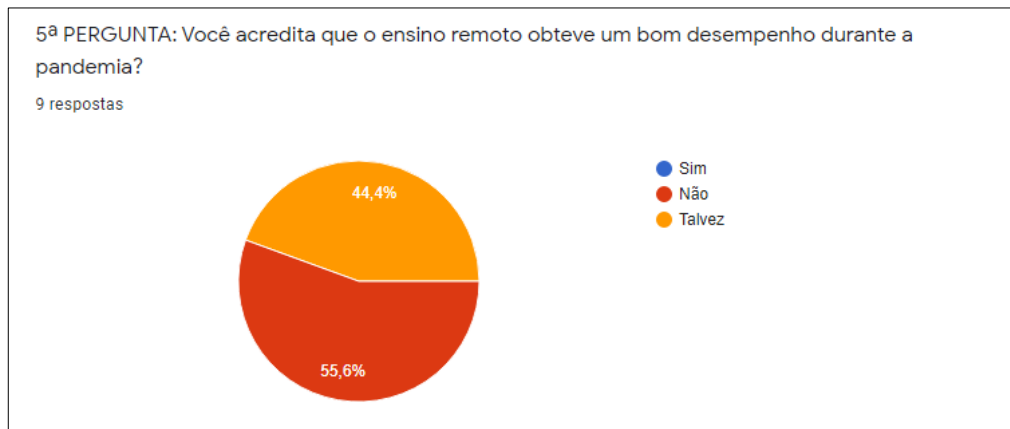


FIGURA 5: Coleta de dados

Em nossa 5ª e última pergunta objetiva, perguntamos sobre o desempenho do ensino remoto durante o período Pandêmico. Em 3 opções de respostas, sendo elas “sim; não; talvez”. Dos 9 participantes, 5 (55,6 %) responderam “não”, e 4 (44,4%) “talvez”.

Partindo então para nossa 6ª pergunta, sendo a 1ª subjetiva, pedimos duas dificuldades relacionadas a aprendizagem, encontrada pelos docentes durante a Pandemia.

Das 9 respostas, vamos dar ênfase em 3.

Professor 4	No geral, a grande dificuldade enfrentada por todos é a falta de acesso a uma internet de qualidade por parte dos alunos. E a não participação da maioria dos discentes, mesmo na modalidade on-line, compromete significativamente o desenvolvimento dos conteúdos trabalhados em sala de aula e, por conseguinte, o desempenho do alunado nas atividades avaliativas.
Professor 6	Eu gosto de sentir que o aluno conseguiu entender o conteúdo exposto, durante as aulas remotas, como muitos alunos sequer ligavam a câmera, esse contato visual e o Feedback ficaram comprometidos.
Professor 7	Acesso à equipamento tecnológico e o acompanhamento dos pais.

Por fim, seguimos para a 7ª pergunta, sendo a 2ª subjetiva, questionamos se o docente “acredita que a Afetividade influencia no processo de ensino-aprendizagem durante o ensino remoto”.

Das 9 respostas, também escolhemos 3 para dar destaque.

Professor 4	A afetividade influencia, sim, no processo de ensino-aprendizagem, porque é impossível se interessar por aquilo que não nos sentimos atraídos. E o papel do docente é justamente o de estabelecer e facilitar o contato entre o aluno e o conteúdo exposto em sala de aula. Acima de tudo, um conteúdo contextualizado para que o discente consiga perceber a importância do conhecimento no seu cotidiano e consiga se perceber enquanto cidadão ativo.
Professor 5	A afetividade influencia e muito, pois dessa forma podemos conhecer ainda mais nossos alunos e com isso avaliamos o perfil do aluno pra saber qual suas dificuldades, sem contar que o amor e carinho são peças fundamentais para uma aprendizagem satisfatória, o aluno se empenha mais quando o professor transmite amor e carinho.
Professor 7	Sim, pois as crianças precisam se sentir seguras e acolhidas para ter tranquilidade no momento da aprendizagem e com isso ter um ensino de qualidade.

#### 4.5.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados desta pesquisa ressaltaram diversas modificações em nosso sistema educacional por conta da pandemia do COVID-19. As perguntas correlacionaram a didática dos docentes de antes da Pandemia com o momento atual. Como dito anteriormente, as mudanças na educação com a entrada do Ensino Remoto foram bruscas e precisamos repensar tudo isso, para que possamos tirar os ensinamentos necessários. Para CORDEIRO e COSTA (2020) “a escola pode aprender com a situação atual e repensar suas práticas, no sentido de além dos conteúdos, desenvolver habilidades para o letramento nas mídias”. Ou seja, precisamos pesquisar e compartilhar as experiências das dificuldades para que possamos evoluir.

Cabe ressaltar que nosso estudo foi feito em uma escola particular já renomada no mercado, onde a cobrança por parte do público atendido é uma realidade, portanto a demanda educacional já incluía atividades regulares como equipamentos tecnológicos, mas essa não é uma realidade das escolas públicas brasileiras. Nas instituições particulares, para ter público, é necessário investimento em todos os campos educacionais, tais como: estrutura laboratórios e formações continuada.

(...) a acumulação de capital depende cada vez mais da capacidade de inovação e formação de mão de obra, portanto, de estrutura de elaboração, canalização e difusão e saberes ainda largamente a cargo dos estados nacionais. (LAVAL, 2019. p, 12)

Ao questionarmos os fatores tecnológicos, pudemos analisar que a inclusão digital já estava sendo uma realidade naquela escola, como visto na figura 2, todos os 9 professores (100%) responderam que sim, a escola dá uma estrutura tecnológica para às aulas pela plataforma. É preciso, porém, abrir um parêntese nesse ponto, para entender a realidade das escolas públicas. O governo do estado do Pará, teve que estruturar uma estratégia para atender 575 mil estudantes das redes públicas do estado. Essa estratégia contava com a distribuição de atividades impressas para as turmas do ensino fundamental menor e maior, e para o ensino médio. Além de videoaulas transmitidas pela TV Cultura do Pará, e no *YOUTUBE*. Além de criarem as plataformas “Para Casa”, que disponibilizava áudios com objetos dos conhecimentos voltados à uma turma específica, e “Enem Pará”, com conteúdos pedagógicos para a turma da 3ª série do ensino médio. Para esse grupo de alunos, também foi



disponibilizado a “internet móvel”, que foram chips com 20 GB de franquia, para que os mesmos pudessem ter acesso à conteúdos voltados especificamente para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Correlacionando as duas realidades, podemos observar que na escola particular, mesmo que não fosse fisicamente, ainda houve um encontro entre professor e aluno, o que analisando tudo que já vimos até aqui, tem um grande impacto no processo de aprendizagem daquele aluno. Logo chegamos à realidade que a diferença entre estudantes da escola pública e da escola particular, além da singularidade de cada aluno, ainda teremos uma diferença maior ou menor no prejuízo devido a essa realidade educacional.

Já nas perguntas 3 e 4, questionamos os docentes sobre o grau de afetividade gerado no período pré e durante a pandemia. No período pré-pandemia as respostas variaram entre “muito” e “mediano”. Já durante pandemia, se variou entre “muito”, “mediano” e “pouco”. Essa diferença entre períodos destaca que cada experiência teve sua particularidade. Assim como cada professor teve contato com alunos e turmas diferentes, cada aluno se deparou com uma didática diferente. Conforme dito anteriormente há uma grande diferença na aprendizagem quando há afetividade.

Quando o professor se preocupa em conhecer o seu aluno, e o mesmo se identifica com ele, os laços fazem essa relação ser mais próxima e sincera. Isto é o aluno adquire um significado para cada aula, e a partir daí se sente mais à vontade para explicitar o que não ficou claro para ele. E é seguindo esse caminho que o aluno constrói sua aprendizagem e sua identidade. COLL (1994, p. 147) reafirma isto ao dizer que: “É através destas experiências pessoais, de uma série de aprendizagens fundamentais intrínsecas, que aprendemos mais sobre nós mesmos e chegamos a descobrir e reconstruir nossa própria identidade”.

Com relação à pergunta 5 tivemos um quase empate nas respostas. O “Não” e o “talvez” explicitaram que para os docentes daquela instituição há uma insegurança e incerteza sobre o período daquele aprendizado. Após todas as leituras e análises feitas até o momento podemos dizer que esse sentimento incerto quanto ao ensino remoto e sua qualidade educacional se entrelaça falta de preparo para esse momento. Conforme dito anteriormente, não há precedentes dessa situação. Os docentes precisaram se resignificar e novamente tiveram que “aprender a ensinar” de formas diferentes. Apesar das aulas de ensino a distância existirem e estarem próximas de nossa realidade, ambas são diferentes. Para SILVA (2012, apud CORDEIRO e

COSTA (2020), p. 84) as maiores diferenças entre o EaD e o Ensino remoto estão no 'formato didático e na mediação da aprendizagem'.

A partir da pergunta 6 conseguimos obter as experiências pessoais de cada docente a partir de cada resposta. Quando questionamos dificuldades encontradas na aprendizagem a partir da pandemia.

Eu gosto de sentir que o aluno conseguiu entender o conteúdo exposto, durante as aulas remotas, como muitos alunos sequer ligavam a câmera, esse contato visual e o Feedback ficaram comprometidos (Professor 6)

A partir da resposta do professor 6, podemos perceber que para o professor, durante a aula online, dificilmente havia esse retorno por parte do aluno, o que dificulta demais que o professor observe suas expressões e reações mediante àquele objeto do conhecimento ministrado. CARVALHO, SANTOS, SAMPAIO (2021) analisam que:

Diante desse "novo cenário", os professores precisaram repensar as formas de interação e mediação a serem utilizadas na sala de aula, uma vez que foram obrigados a se reinventar e utilizar recursos tecnológicos que quase não faziam parte da rotina escolar com a finalidade de levar aos alunos o conhecimento (CARVALHO, SANTOS, SAMPAIO. 2021, p. 37)

Isto é, nas aulas remotas não basta fazer um planejamento que tenha como objetivo sistematizar um tema. A partir de agora o docente deve planejar uma aula que trabalhe um objeto de conhecimento específico, que possa envolver o aluno, e levar até a sua casa a ideia central daquela aula.

Para os professores 4 e 7, há outra dificuldade que se relaciona às aulas remotas. Fator este que já sai completamente das mãos do docente:

No geral, a grande dificuldade enfrentada por todos é a falta de acesso a uma internet de qualidade por parte dos alunos ... (Professor 4)  
Acesso à equipamento tecnológico ... (Professor 7)

O CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE E DA INFORMÁTICA realizou uma "Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação dos domicílios brasileiros", no ano de 2021. Segundo esta pesquisa, no ano de 2020 tivemos um crescimento no número de residências com acesso à internet, sendo "83%, o que representa aproximadamente 61,8 milhões de domicílios". É preciso ressaltar também que segundo a mesma

pesquisa, “as atividades on-line relacionadas à educação mais citadas foram as atividades ou pesquisas escolares (45%) e o estudo na Internet por conta própria (44%)”.

Mesmo com o aumento de equipamentos e acessos à internet, ainda assim, os professores sentiram uma barreira digital no que se refere à qualidade das aulas online por conta dessa falta de estrutura tecnológica para que os alunos pudessem acompanhar simultaneamente as aulas. Além dos casos de alunos que realmente não possuíam aparelhos para acompanharem as aulas. A utilização de celulares e computadores podem ser um ponto positivo ou negativo na vida de uma criança, caso não haja um acompanhamento adequado.

Para se utilizar as redes é preciso um ensinamento de como utilizar. CORDEIRO e COSTA (2020) afirmam que “Os jovens não são nativos digitais, porque dominam os usos das tecnologias. O letramento nas mídias envolve sociabilidade, leitura, interpretação e compartilhamento de conteúdo”. Portanto, podemos perceber que para o aluno a dificuldade foi conseguir obter uma rede de qualidade para àquela aula. E quando havia esse acesso, muita das vezes não se entendia qual o objetivo do seu uso. Apesar de saber que servia para aula, a internet também o proporcionava outras infinitas oportunidades de passar o tempo. Ou seja, apesar dos docentes dizerem apenas sobre a falta de equipamento ou internet, o problema vai muito além desde fato.

Na pergunta 7 foi questionado aos docentes se eles acreditavam, que a Afetividade influenciava o processo de ensino e aprendizagem neste período de aulas online, e porquê? Todas as 9 responderam que sim. Ou seja, os docentes mostraram um sentimento unanime da importância dessa afetividade dentro da sala de aula. Sabemos que a relação aluno x professor deve ser flexível, e a afetividade entra neste ponto. Quando o professor conhece seu aluno, ele aprende um pouco das suas ações para cada sentimento. Em momentos em que o aluno está calado, ele pode estar perdido no conteúdo, ou distraído, quem sabe? Caso o aluno não entregue uma atividade, pode demonstrar que não está recebendo um suporte necessário, ou que em sala de aula o aluno se perdeu demais para entender como resolver aquela atividade, entre vários outros exemplos que podemos dar.

Em todos os casos, o professor se torna uma figura de cuidador da aprendizagem do aluno. É obvio que o professor não deve assumir um papel que não cabe à ele (e sim a família), porém é a partir dessas análises de comportamento em

sala de aula que o docente entra em contato com a equipe pedagógica da escola para que a família do aluno saiba, ou procure saber, o que está acontecendo com aquela criança. A afetividade é o cuidado, e o cuidado muitas vezes não ocorre somente entre professor e aluno, mas também deve perpassar entre escola e família, para que haja uma união entre todos para a melhor aprendizagem do aluno.

E a partir daí são gerados os laços entre discente e docente. Quando há uma satisfação na aula, ou nos componentes curriculares, o aluno, mesmo sentindo dificuldade, se esforça mais para conseguir. É o que os professores 4 e 7 afirmam em suas respostas.

A afetividade influencia, sim, no processo de ensino-aprendizagem, porque é impossível se interessar por aquilo que não nos sentimos atraídos. E o papel do docente é justamente o de estabelecer e facilitar o contato entre o aluno e o conteúdo exposto em sala de aula. Acima de tudo, um conteúdo contextualizado para que o discente consiga perceber a importância do conhecimento no seu cotidiano e consiga se perceber enquanto cidadão ativo. (Professor 4)

Sim, pois as crianças precisam se sentir seguras e acolhidas para ter tranquilidade no momento da aprendizagem e com isso ter um ensino de qualidade. (Professor 7)

Encarar todo esse processo a distância e manter o relacionamento afetivo entre professores e alunos também é uma das dificuldades desse novo modelo de aprendizagem. O professor 5 levanta um outro ponto importantíssimo neste assunto, o que reforça tudo o que dissemos anteriormente.

A afetividade influencia e muito, pois dessa forma podemos conhecer ainda mais nossos alunos e com isso avaliamos o perfil do aluno pra saber qual suas dificuldades, sem contar que o amor e carinho são peças fundamentais para uma aprendizagem satisfatória, o aluno se empenha mais quando o professor transmite amor e carinho. (Professor 5)

Avaliar o perfil do aluno é outro aspecto da aprendizagem afetividade, pois é partindo dessa análise que voltamos ao que foi dito no parágrafo acima. O professor tem a necessidade de conhecer seu aluno para entender como está funcionando seu processo de aprendizagem. Novamente COLL (1994) reforça que:

A significância da aprendizagem não é uma questão de tudo ou nada e sim de grau; em consequência, em vez de propormo-nos que os alunos realizem aprendizagens significativas, talvez fosse mais adequado tentar que as aprendizagens que executam sejam, a cada momento da escolaridade, o mais significativas possíveis. (COLL 1994, p. 49)

Assim, então fica claro que, partindo das análises de nossos teóricos, até o relato de experiência de nossos docentes entrevistados, a afetividade é um ponto necessário em nossa sala de aula, e têm um grande impacto no processo de ensino-aprendizagem de nossos alunos. A relevância do tema foi identificar e explanar as dificuldades vividas por professores, alunos, gestores e famílias durante o período tão angustiante que foi este momento pandêmico.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se realizar um estudo de casos que ainda estão ocorrendo nos deparamos com certas incerteza e afirmações que ainda não possuem conclusões concretas. Em nosso estudo, o que temos certeza é que, conforme já dissemos no início, a educação jamais voltará ao que era antes da pandemia. E mesmo sabendo que houveram prejuízos pedagógicos grandes, isso tudo servirá para enriquecer nossas metodologias daqui por diante.

Com a entrada da Base Nacional Comum Curricular, a inserção de um Novo Ensino Médio e outras mudanças em nosso sistema educacional, muito se falou sobre renovação e mudanças na didática do professor. Contextualização, metodologias ativas, novas dinâmicas para avaliar. Tudo isso está sendo cobrado para que a sala de aula saia de uma vez por todas do âmbito tradicional e conteudista. Com a inserção das tecnologias temos mais uma adição à nossa educação se tornar significativa e de qualidade.

Por meio dos nossos resultados, entendemos que a quebra das aulas presenciais provocou várias mudanças no processo de ensino-aprendizagem de nossos alunos, e também no planejamento das aulas de nossos docentes. Porém, essas foram as de menor prejuízos. As mudanças mais significativas ficaram por conta do aprendizado de nossos alunos. O meio educacional foi completamente afetado pela pandemia, e ainda estamos no processo de reestruturação. Diante de nossa pesquisa buscamos compartilhar algumas experiências educacionais no período da pandemia, e registrar o sentimento de 9 professores que acabam representando uma classe toda.

A educação está atrelada à relação professor e aluno. Sem o docente não há ensino, e sem o discente não há aprendizado. A afetividade deve estar no meio dessas duas partes. Ela representará o respeito; a valorização do aluno; o acolhimento; e a atenção que o discente deve receber. Ela está lá para fazer a diferença opara nosso aluno.

Mesmo em tempos difíceis, ao analisar cada resposta dada por nossos docentes pudemos sentir que mesmo desgastados com toda essa situação, os docentes ainda tem esperança e força de vontade de vencer tudo isso. E é necessário também aos nossos alunos voltarem à escola seguindo o mesmo ritmo dos professores. Precisamos fortalecer ainda mais nossos laços, para que haja uma

aprendizagem mais significativa, pois, após a pandemia precisaremos agarrar com força essas novas oportunidades para uma melhoria no nosso sistema de educação.

Que os docentes tenham ânimo para se reinventar e criar novas estratégias para esses novos alunos que estão chegando em sua sala de aula. Que o uso de tecnologias permaneça em nosso plano de aula, para que se possa envolver o aluno e proporcionar momentos ativos e com criticidade em sala de aula, que o aluno se veja dentro de uma sociedade a partir daquele objeto de conhecimento. E que nosso discente possa estar preparado a segurar na mão de seus professores, gestores e família, para que toda essa crise (seja ela sanitária, política ou educacional) possa ser superada e vencida.

## 6. REFERÊNCIAS

BAPTISTA, A.; MARTINS; V. A **afetividade na educação online: percursos e possibilidades**. EaD em foco, v. 8, n. 1, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18264/eadf.v8i1.639>. Acesso em: 08 jul. 2021

BORBA, Marcelo de Carvalho. ALMEIDA Helber Rangel. GRACIAS, Telma Aparecida. **Pesquisa em ensino e sala de aula: diferentes vozes em uma investigação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção Tendências em Educação Matemática)

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/996.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm). Acesso em 30 de novembro 2021.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação (PNE)**. Lei Federal n.º 10.172, de 9/01/2001. Brasília: MEC, 2001c.

CARVALHO, Débora Carla de Souza; SANTOS, Gessiene Soares dos; SAMPAIO, Tatiana Guimarães. **Desafios enfrentados pelos profissionais da educação durante a pandemia covid-19 na educação básica**. Pires do Rio – GO: Mediação, v. 16, n. 1, p. 29-40, jan.-jun. 2021.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO (CETIC.BR). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2020**. Disponível em: <https://www.cetic.br/pesquisa/domicilios/>. Acesso em: 03 de dezembro 2021.

COLL, Cesár. **Aprendizagem Escolar e Construção do Conhecimento**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.



CORDEIRO, Kelly Maia. COSTA, Renato Pontes. **Educação na pandemia do novo coronavírus: mídias e desigualdade.** *Revista Interinstitucional Artes de Educar.* Rio de Janeiro, V. 6 – N. Especial – pág. 81 - 97 – (jun. – out. 2020): “Educação e Democracia em Tempos de Pandemia”. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/riae.2020.52259>>. Acesso em: 15 setembro de 2021.

COSTA, Antônia Erica Rodrigues. NASCIMENTO, Antônio Wesley Rodrigues. **Os desafios do ensino remoto em tempos de pandemia no brasil.** Editora Realize. Disponível em: <[https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO\\_EV140\\_MD4\\_SA19\\_ID6370\\_30092020005800.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD4_SA19_ID6370_30092020005800.pdf)>. Acesso em: 15 setembro de 2021.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. **Medida provisória nº 934, de 1º de abril de 2020.** Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/medida-provisoria-n-934-de-1-de-abril-de-2020-250710591>>. Acesso em 30 de novembro 2021.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. **Portaria Nº 343, de 17 de março de 2020.** Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>>. Acesso em 30 de novembro 2021.

FREIRE, Paulo **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

KARNAL, Leandro. **Como educar em tempos pandemia.** Youtube, <<https://www.youtube.com/watch?v=9eBpUbUlrPg&t=258s>>, Acesso em 28/09/2021

LA TAILLE, Yves de, 1951- **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão/** Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas- São Paulo: Summus, 1992.

LAVAL, Christian. **A Escola não é uma empresa.** Londrina : Editora Planta, 2004

LOPES, Rita de Cássia Soares. **A relação Professor Aluno e o Processo Ensino Aprendizagem-** Programa de desenvolvimento educacional- Ponta Grossa / Paraná, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia científica**. 6ed. São Paulo: Atlas, 2005.

OLIVEIRA, Ramon de. **Informática Educativa: dos planos e discursos à sala de aula**. 11. ed. Campinas: Papyrus, 1997. 176p.

OST, Noely Maria e SZYMANSKI, Maria Lídia Sica. **Afetividade e cognição: Um diálogo possível e necessário na prática docente**, 2016, PARANÁ.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches, **Pedagogia afetiva**, editora Vozes, 13º edição / 2001.

SENADO FEDERAL. **Constituição Federal de 1988: Artigo 205**. Disponível em: <[https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988\\_05.10.1988/art\\_205.asp](https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_205.asp)> Acessado em: 08 de Março de 2021.

WAINER, J. Métodos da pesquisa quantitativa e qualitativa para ciência da computação. **Atualização em informática**. v. 1 p. 221-226,2007.

## APENDICES

### QUESTIONÁRIO

Escola Superior Madre Celeste – ESMAC

Curso de Licenciatura em Pedagogia

Professora: Ângela Conceição dos Anjos Pena

Turma: PE8N1 Município: Ananindeua Ano: 2021

Temática:

Pesquisadoras: Maria Vitoria Cardoso Moreira e Suellen da Silva Cardoso

Questionário para a categoria de: Professores

Prezado (a) Professor (a);

No trabalho que ora desenvolvemos para a elaboração da nossa pesquisa do trabalho de conclusão de curso, precisamos obter algumas informações acerca de sua visão sobre “AS RELAÇÕES AFETIVAS COM A INCLUSÃO DIGITAL NAS AULAS REMOTAS EM MEIO A PANDEMIA DE COVID-19”

Para tal, solicitamos a sua colaboração respondendo as questões abaixo:

1ª pergunta: Antes da Pandemia do COVID-19, o seu planejamento de aula incluía o uso de algum equipamento tecnológico?

2ª pergunta: A escola em que você atua oferece algum suporte ou treinamento técnico para o desenvolvimento das suas aulas na plataforma?

3ª pergunta: Antes da pandemia do COVID-19, qual o grau de AFETIVIDADE você tinha com seus alunos?

4ª pergunta: Durante a Pandemia do COVID-19, qual nível de AFETIVIDADE você acha que foi gerado entre você e seu aluno?

5ª pergunta: Você acredita que o ensino remoto obteve um bom desempenho durante a pandemia?

6ª pergunta: Destaque duas dificuldades relacionadas a APRENDIZAGEM, encontradas no desenvolvimento do seu trabalho durante a PANDEMIA do COVID-19.

7ª pergunta: Você acredita que a AFETIVIDADE influencia no processo de ensino-aprendizagem durante o Ensino Remoto? Por que?

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) participante:

Somos estudantes do curso de graduação de **Licenciatura em Pedagogia** na Escola Superior Madre Celeste - ESMAC. Estamos realizando uma pesquisa sob orientação da professora Ângela Conceição dos Anjos Pena, cujo objetivo é

---



---



---

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, através de fotos, vídeo sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Atenciosamente

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura do (a) estudante

\_\_\_\_\_  
Local e data

Matrícula:

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura do (a) professor (a) orientador (a)

**Concordo em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.**

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Local e data